

Chuteiras da humildade

A falta de novas oportunidades levou Breno Higino Mello a uma constatação óbvia, em 1965: na vida adulta, nunca trabalhara fora da tabelinha futebol-cinema. Exceto pela experiência como “relações-públicas” de empresa local em duas edições da Feira do Calçado de Novo Hamburgo. Hora de adotar novo esquema tático, fixando posição no segmento. Aos 34 anos, passou a bater cartão como encarregado de expedição em uma fábrica de sapatos - entre caixas e formulários,

esbanjava simpatia também nas partidas do time da firma em fins de semana. “Nada mudará em minha vida”, disse à Folha da Tarde em 1966. “Sou feliz porque o destino me ofereceu muito mais que eu merecia”. O currículo se expandiu nos anos seguintes como dono de uma representação comercial e corretor de anúncios do jornal NH, com pausa para o derradeiro retorno aos gramados, em 1969, pelo Clube Atlético Cairu, de Sapiranga,

campeão estadual amador. A família também aumentava, com os filhos Jorge Luís (1953) e Paulo Roberto (1954) ganhando as irmãs Susete (1968) e Liette (1971). Sempre lembrado pelo impacto de Orfeu Negro, Breno voltaria em alto estilo às telas em 1973, como um ex-escravizado, no longa gaúcho Negrinho do Pastoreio, bem-sucedida adaptação do tradicionalista Nico Fagundes para a lenda do folclore gaúcho, tendo o astro mineiro Grande Otelo no papel principal.



Breno Mello e Nico Fagundes na adaptação de Negrinho do Pastoreio

No cinema

- Longa-metragens:**
- ▶ Orfeu Negro (1959)
 - ▶ Rata de Puerto (1964)
 - ▶ O Santo Módico (1964)
 - ▶ Os Vencidos (1965)
 - ▶ O Negrinho do Pastoreio (1973)
 - ▶ Prisioneiro do Rio (1988)
- Documentários:**
- ▶ À la Recherche d'Orfeu Negro (2005)
 - ▶ Papão de 54 (2005)
 - ▶ A Descoberta de Orfeu (em produção)

Últimos holofotes

Separado de Liège em 1979, Breno Mello se transferiu para Florianópolis (SC) no início da década seguinte, após união com uma nova “eurídice” - a ialorixá Amelina Santos Correa, com quem teria a última filha, Letícia (1983). Trabalhou como agenciador de anúncios do jornal O Estado e, aos 57 anos, fez uma ponta como bandido em seu último filme, o suspense Prisioneiro do Rio (1988), coprodução Brasil-Inglaterra-Polônia-Suíça dirigida pelo polaco-americano Lech

Majewski e inspirada na vida do célebre criminoso britânico Ronald Biggs, foragido no Brasil. No elenco, Steven Berkoff, Florinda Bolkan, José Wilker, Zezé Motta, Elke Maravilha e até o músico Lulu Santos.

A aposentadoria pela Previdência Social e o fim do segundo casamento o conduziram naturalmente de volta a Porto Alegre, em definitivo, no final da década de 1990. Após algum tempo de residência na Casa do Artista Riograndense, passou a morar na

pequena casa que havia construído no bairro Tristeza, em terreno dividido com a irmã Carilde. Uma rotina simples, animada por casas de bingo, encontros (quase sempre de violão a tiracolo) com amigos e ex-colegas de Renner e depoimentos a reportagens sobre futebol e cinema nacional. E que seria quebrada, na reta final, por três resgates dignos de tão inusitada trajetória.

No script, dois documentários e sua primeira ida ao Festival de Cannes, aos 73 anos, com um delay de praticamente meio século - na premiação de 1959, ficara de fora por questões orçamentárias dos produtores. O gaúcho distribuiu sorrisos sobre o tapete vermelho como convidado de honra da mostra francesa de 2005, ao lado da ex-parceira artística Marpessa Dawn, para a exibição de À la Recherche d'Orfeu Negro, documentário de Bernard Tournois e René Letz-gus sobre os bastidores de Orfeu Negro, com direito a imagens de um reencontro de Breno com as locações originais no Morro da Babilônia.

Já a faceta de ex-jogador fez dele um dos destaques de outra produção do gênero, Papão de 54, sobre a vitoriosa saga do Renner. O material acabou deflagrando em seus jovens diretores, os porto-alegrenses Alexandre Derlam e René Goya, a ideia do documentário A Descoberta de Orfeu, centrado na vida de Breno. “Ele adorou a ideia e passamos mais de dois anos gravando com ele, de uma personalidade cativante e

que se tornou nosso amigo”, conta Goya. “Até o Andy Summers, guitarrista da extinta banda inglesa The Police, contribuiu com um depoimento falando da sua paixão pelo filme do Marcel Camus.”

Entraves burocráticos e financeiros, porém, mantêm a finalização do documentário em ritmo de espera, após mais de 20 anos - em 2008, o então presidente norte-americano Barack Obama falou da influência de Orfeu Negro na vida de sua família. “Combinando esforços próprios, inscrição em editais públicos e outras tentativas de captação de recursos, o plano está hoje com sua pesquisa e roteiro avançados”, explica Derlam. “Uma iniciativa desse porte depende de recursos capazes de cobrir custos de liberação de direitos autorais de imagens e músicas, por exemplo, com um resultado capaz de revalorizar a importância de um personagem tão fascinante”.

Breno jamais veria o material concluído. Em uma nublada manhã de sexta-feira, 11 de julho de 2008, já avô e bisavô, o artista que dera ao mundo uma fisionomia brasileira para o antigo mito grego de 26 séculos foi encontrado sobre a cama de seu quarto - no epílogo não encenado, um infarto fulminante a dois meses do 77º aniversário (aliás, a mesma causa da morte da ex-colega Marpessa Dawn, em Paris, 45 dias depois). “Nosso pai partiu feliz e tranquilo, como sempre viveu”, arrematam a jornalista Susete Mello e o mano Paulo Roberto, diagramador aposentado.



Breno Mello voltou a Cannes ao lado de Marpessa Dawn

A carreira no futebol

- ▶ Esporte Clube São José (1949-1951)
- ▶ Grêmio Esportivo Renner (1952-1956)
- ▶ Santos Futebol Clube - Santos/SP (1956)
- ▶ Fluminense Football Club - RJ (1957-1959)
- ▶ Esporte Clube Floriano - Novo Hamburgo/RS (1962)
- ▶ Esporte Clube Água Verde - Curitiba/PR (1964)
- ▶ Clube Atlético Cairu - Sapiranga/RS (1969)



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.